

A ELABORAÇÃO DE ENUNCIADOS CONCRETOS POR CRIANÇAS DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL: A MATERIALIZAÇÃO DO DIALOGISMO EM TEXTOS ORAIS

LA ELABORACIÓN DE ENUNCIADOS CONCRETOS POR NIÑOS DE PRIMARIA: LA MATERIALIZACIÓN DEL DIALOGISMO EN LOS TEXTOS ORALES

THE ELABORATION OF CONCRETE STATEMENTS BY FIRST-GRADE CHILDREN: THE MATERIALIZATION OF DIALOGISM IN ORAL TEXTS



Alessandra Moreira CAVALIERI¹
e-mail: alessandra.cavaliere@unesp.br



Claudia Regina Mosca GIROTO²
e-mail: claudia.mosca@unesp.br



Luciana Aparecida de ARAUJO³
e-mail: luciana.a.araujo@unesp.br

Como referenciar este artigo:

CAVALIERI, A. M.; GIROTO, C. R. M.; ARAUJO, L. A. A elaboração de enunciados concretos por crianças do primeiro ano do ensino fundamental: A materialização do dialogismo em textos orais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 18, n. 00, e023068, 2023. e-ISSN: 1982-5587. DOI: <https://doi.org/10.21723/riabee.v18iesp.1.18484>



- | Submetido em: 22/03/2023
- | Revisões requeridas em: 15/05/2023
- | Aprovado em: 29/07/2023
- | Publicado em: 19/09/2023

Editor: Prof. Dr. José Luís Bizelli

Editor Adjunto Executivo: Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

¹ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília – SP – Brasil. Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE).

² Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília – SP – Brasil. Livre-Docente em Fonoaudiologia e Educação Inclusiva pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Professora Associada do Departamento de Ensino de Educação e Desenvolvimento Humano, Curso de Pedagogia e do Programa de Pós-Graduação em Educação.

³ Universidade Estadual Paulista (UNESP), Marília – SP – Brasil. Livre-Docente em Pesquisa Pedagógica pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC). Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em Educação.

RESUMO: Este artigo pretende demonstrar que as crianças em processo de alfabetização são capazes de elaborar enunciados concretos, desde que lhes sejam dadas condições de ensino adequadas para tal atividade. Essa temática foi objeto de pesquisa de doutorado, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação – UNESP/Marília, a qual foi realizada com o objetivo de compreender como se materializa o dialogismo bakhtiniano nos textos orais produzidos por crianças de uma sala de 1º ano do Ensino Fundamental – anos iniciais. Com base em pressupostos da teoria Histórico-Cultural e da abordagem dialógica da linguagem, apresentamos aqui um recorte dos dados gerados por meio da metodologia de pesquisa colaborativa, organizados em um eixo temático de discussão: marcas do dialogismo em textos orais, ilustrado pelos relatos de uma das crianças protagonistas da pesquisa. Os dados revelaram que as crianças constituíram relações dialógicas ao elaborarem seus enunciados concretos quando inseridos numa situação real de interação discursiva.

PALAVRAS-CHAVE: Alfabetização. Gêneros discursivos. Dialogismo.

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo demostrar que los niños en proceso de alfabetización son capaces de elaborar declaraciones concretas siempre y cuando se les den condiciones de enseñanza adecuadas para dicha actividad. Este tema fue objeto de investigación doctoral, vinculada al Programa de Postgrado en Educación-UNESP/Marília, con el objetivo de comprender cómo el dialogismo bakhtiniano se materializa en textos orales de autoría producidos por niños de un aula de 1º grado de la Enseñanza Fundamental - primeros años. Basado en supuestos de la teoría Histórico-Cultural y en el abordaje dialógico del lenguaje. Presentamos aquí los datos generados a través de una metodología de investigación colaborativa y, organizados en un eje temático de discusión: marcas de dialogismo en textos orales, ilustrado por los relatos de uno de los niños protagonistas de la investigación. Los datos revelaron que los niños constituyen relaciones dialógicas al elaborar sus enunciados concretos cuando se insertan en una situación real de interacción discursiva.

PALABRAS CLAVE: Alfabetización. Géneros discursivos. Dialogismo.

ABSTRACT: This article aims to demonstrate that children in the literacy process are able to elaborate concrete statements as long as they are given adequate teaching conditions for such activity. This theme was the object of doctoral research, linked to the Graduate Program in Education-UNESP/Marília. The objective was to understand how Bakhtinian dialogism materializes in oral texts of authorship produced by children in a 1st grade classroom of the Elementary School - early years. Based on the Cultural-Historical theory and on the dialogical approach to language. We present here the data generated by means of a collaborative research methodology and organized in a thematic axis of discussion: marks of dialogism in oral texts, illustrated by the report of one of the protagonist children of the research. The data revealed that children constitute dialogic relations by elaborating their concrete utterances when inserted in a real situation of discursive interaction.

KEYWORDS: Literacy. Genres. Dialogism.

Introdução

Há muito tempo, no Brasil, a alfabetização vem sendo objeto de investigação e discussão de pesquisadores, de autores, de professores e da comunidade em geral, sob diferentes perspectivas teóricas e metodológicas. De igual modo, várias concepções organizam a relação do sujeito com a linguagem, porém, nesse estudo, optamos por referenciais advindos da teoria da enunciação (VOLÓCHINOV, 2017; 2019; BAKHTIN, 2016) e propostos por estudiosos como: Smolka (2012); Goulart (2019); Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) e Sobral (2009).

Sob tais pressupostos, compreendemos que, para que a criança se aproprie da linguagem oral e escrita, é necessário o ensino, pois “[...] o mundo de objetos sociais, de normas, de conceitos, instrumentos e técnicas não é imediatamente evidente para os sujeitos na cultura, portanto, requer ensino” (SMOLKA, 2019, p. 15). Sendo assim, as práticas de ensino ainda enraizadas nas escolas assujeitam a criança a uma aprendizagem passiva e mecânica da língua, ao não considerarem a capacidade de desenvolvimento da criança. Nas palavras de Goulart (2019, p. 67), “[...] Tem sido difícil ultrapassar não somente o ba-be-bi-bo-bu, mas concepções de sujeito – que os assujeitam – e de gramática – que a engessam –, que povoam propostas de alfabetização”.

Dessa forma, a escola, ao propor um ensino opressivo à letra, à sílaba, à palavra e à frase, utilizaria os textos como unidade de ensino somente ao final do ano letivo, sob a afirmação: “ainda não estão alfabetizados”, ou, quando utilizados, os “textos” escolhidos são aqueles amontoados de frases, advindos do modelo da antiga cartilha, os quais não apresentam uma linguagem elaborada conforme um gênero discursivo ou qualidade literária e estética, pois são usados como pretexto para o ensino de uma letra específica, incorrendo, invariavelmente, no apagamento do sentido vivo, histórico e social da linguagem.

Nesse contexto, e considerando-se especificamente o ensino de língua materna, encontra-se a necessidade de propiciar a apropriação da linguagem oral e escrita às crianças por meio de situações reais de interação. De uma perspectiva dialógica da linguagem, o ensino formal, na escola, requer, portanto, possibilitar aos alfabetizandos o acesso aos bens culturais produzidos historicamente pela humanidade e a participação delas na cultura letrada, proporcionando-lhes o desenvolvimento e a constituição da linguagem pelo sujeito, sempre em direção ao OUTRO.

Abaurre, Fiad e Mayrink-Sabinson (1997) afirmam que no processo de aquisição da linguagem escrita torna-se fundamental não só evidenciar o papel constitutivo ao

interlocutor/OUTRO como aos OUTROS com os quais a criança interage, como também permitir explicar esse movimento de constituição recíproca.

Assim, deslindar os mecanismos de apropriação e constituição da linguagem pela criança, materializadas em enunciados concretos, a exemplo da proposta deste estudo, pode impulsionar a reflexão acerca do ensino da linguagem escrita e oral em salas de alfabetização, a partir da materialidade da linguagem das crianças em textos orais.

Nesse sentido, este texto, recorte de nossa tese de doutoramento, propõe apresentar como se materializa o dialogismo bakhtiniano nos textos orais de crianças em processo de alfabetização, constituídos por meio da utilização do gênero textual “relato de experiência vivida”.

Para estruturar este artigo, trazemos, primeiramente, uma síntese teórica sobre enunciados concretos e dialogismo. Em seguida, um resumo do contexto da pesquisa colaborativa e do percurso metodológico, o qual nos serviu para geração dos dados. Para ilustrar a discussão teórica, apresentamos a análise do dialogismo constitutivo em um relato de experiência vivida oral, elaborado ao final do desenvolvimento das ações pedagógicas colaborativas (APC), por uma criança em processo de alfabetização.

O dialogismo materializado em enunciados concretos dos alfabetizandos

Conforme a perspectiva dialógica da linguagem, o círculo de Bakhtin defende que o dialogismo é um princípio constitutivo da linguagem. Dessa forma, as relações dialógicas estão presentes em todas as esferas de comunicação humana. Todos os enunciados elaborados por um falante estão atravessados pelos enunciados do OUTRO.

Conforme os pressupostos bakhtinianos, o enunciado concreto deve ser compreendido a partir de seu processo e não levando em conta apenas o seu produto. Nesta direção, Sobral (2009) pontua que o conceito de enunciado concreto é um conceito enunciativo e não um conceito textual tomado como frase/orações, ou seja, trata-se da intenção discursiva e da ação concreta do sujeito/autor numa dada situação concreta de interação, a qual não anula as formas da língua, mas vai além delas.

Dessa forma, para entender o conceito de enunciado numa perspectiva dialógica é preciso considerar o seu processo de produção, de circulação no mundo e de recepção por outros sujeitos. Portanto, o enunciado não é algo estabilizado, morto, acabado, pois não se reduz a materialidade do texto, mas quando entendido a partir de seu processo de produção tem “[...]”

um caráter concreto, é fruto de uma relação concreta entre sujeitos concretos que se acha refletida em sua estrutura [...]” (SOBRAL, 2009, p. 92).

Os enunciados, quando materializados em textos orais ou escritos, por meio dos gêneros discursivos, deixam marcas que remetem à concretude, as quais tornam-se visíveis quando conhecemos a intenção discursiva do autor, a situação de interação e o contexto da produção (cenário).

No caso deste estudo, o contexto foi a quarentena devido à pandemia de COVID-19 e o universo linguístico que se criou diante dessa nova situação, com palavras pouco usadas, palavras “emprestadas de outra língua” ou até mesmo palavras “novas”, como, por exemplo: coronavírus; “charreata”; interação *online*; distanciamento social; *lockdown*; aulas remotas; novo normal; pandemia; covid-19, entre outras. Além das palavras e expressões, alguns gestos culturais também se apresentaram, como cumprimentos com as mãos fechadas (*knocking*, em inglês), expressões do olhar, acenos com distanciamento, e costumes ou hábitos que se acentuaram, como: uso de máscaras; uso de álcool em gel em muitos estabelecimentos; higienização de compras de mercado, os quais não eram tão usuais cotidianamente.

Cada criança, singularmente, teve uma maneira de significar esse período vivenciado, assim como os discursos que os engendraram diariamente. Desse modo, o sujeito foi constituindo o seu próprio discurso, ao ser afetado pelos discursos OUTROS, considerando diferentes aspectos da linguagem: a brincadeira, a repetição, os signos, os símbolos, as entonações e as palavras.

Esses discursos engendrados pelas crianças são reveladores do seu modo de ser, pensar e agir, pois, segundo Goulart e Mata (2016, p. 62), “[...] a linguagem das crianças é um elemento-chave para revelar as culturas infantis, o que elas falam e como falam para interpretar as referências da realidade, ressignificar objetos e conceitos, reelaborar vivências[...]”. Essas manifestações do uso da linguagem despontaram nos relatos de experiência vivida.

Dessa maneira, desvelar quais mecanismos de incorporação da voz do OUTRO são utilizados pelas crianças na produção de textos orais pode contribuir para a transformação das propostas didáticas de produção de textos orais, promovendo maior compreensão do processo de alfabetização, que vai muito além de apenas aprender a repetir letras, palavras e frases em voz alta.

Dessa forma, as crianças, quando produzem textos orais ou escritos, materializam as vozes sociais e o dialogismo constitutivo, os quais são reestruturados ou reelaborados no discurso do autor-criador, segundo Bakhtin (2016), marcando, assim, sua autoria.

Percurso metodológico

A metodologia foi desenvolvida em uma abordagem qualitativa e, para tal, foi utilizada como opção metodológica a pesquisa colaborativa, considerando a participação da pesquisadora de forma participativa durante todo o processo.

Nesse processo colaborativo, foram elaboradas Ações Pedagógicas Colaborativas (APC) mediadas pelo gênero *relato de experiência vivida*, desenvolvidas de forma que promovessem interações discursivas em situações reais de comunicação. As APC foram desenvolvidas utilizando o gênero textual Relato de Experiência Vivida oral como meio para elaboração dos enunciados infantis, a partir do contexto da quarentena que estava sendo vivenciado por todos os envolvidos na pesquisa.

Participaram da pesquisa seis crianças, porém, no presente artigo, será apresentada a análise do relato de experiência vivida final de uma criança (MV), com o objetivo de evidenciar a materialização do dialogismo nos enunciados orais constituídos por meio do relato. A criança foi apresentada com as iniciais de seu nome, com o objetivo de não a descaracterizar, mas sim de demonstrar o seu protagonismo durante todo o percurso didático-pedagógico.

No desenvolvimento das APC com as crianças, apresentamos a proposta de trabalho e realizamos a constituição do conteúdo temático para a elaboração do Relato de Experiência Vivida Oral (REVO) individual, por meio de análise de relatos de autores de literatura infantil, como referência para a criação dos próprios relatos.

Para essas análises buscamos diferentes textos orais que serviram de parâmetros para a produção dos textos das crianças, a saber: foi realizada uma busca de relatos de experiências orais e escritos de autores da literatura infanto-juvenil, alguns até conhecidos pelos alunos; produzimos recortes dos vídeos dos relatos e selecionamos os trechos que seriam mais interessantes para as crianças.

Na busca de textos orais realizada, encontramos relatos orais de Tatiana Belink, Ruth Rocha, Ana Maria Machado, Pedro Bandeira, além de dois livros de relatos de experiências da infância de Pedro Bandeira e Ruth Rocha.

Organizamos as APC de forma que a interação verbal entre todos os envolvidos, os sujeitos da pesquisa, a pesquisadora e a professora, se desenvolvesse de maneira dialógica.

Tais interações discursivas são irrepetíveis, segundo Bakhtin (2016), pois são constituídas por um sujeito singular, o qual desde o nascimento vivencia situações particulares. Assim, essas vivências constituem-se nas relações sociais, num ambiente social e conforme a posição social dos sujeitos envolvidos. Dessa forma, o mesmo evento não se repete, tampouco

os sentidos produzidos por esses eventos: todos são inacabáveis, inconclusos, como o próprio ser humano, que está em constante transformação.

Todas as atividades desenvolvidas por meio de vinte e duas APC resultaram em relatos orais finais produzidos pelos alfabetizandos, os quais constituíram-se em fonte dos dados que foram organizados no eixo de discussão intitulado “Marcas do dialogismo nos textos orais”.

No que tange à análise dos dados, direcionamos nosso olhar ao que se apresenta como singular na materialização dos textos orais das crianças: compartilhamos das considerações de Abaurre (1997) acerca do paradigma indiciário (GINZBURG, 1989), o qual consiste em um recurso proficiente para as pesquisas em torno da relação sujeito e linguagem. As autoras afirmam que:

Uma reflexão [...] fundada na adoção de um paradigma indiciário e voltada para a discussão do estatuto teórico dos comportamentos singulares, pode vir a contribuir para uma melhor compreensão da relação que se instaura, a cada momento, do processo de aprendizagem entre as características eventualmente universais e as diversas manifestações de suas singularidades (ABAURRE et al., 1997, p. 17).

Em busca de indícios nos textos orais das crianças, recorreremos, então, aos estudos de Bakhtin (2016) e aos pressupostos epistemológicos fundados na singularidade de Ginzburg (1989), o qual propõe analisar um objeto para além dos aspectos tangenciáveis e quantificáveis, adicionando-o acontecimentos, episódios particulares, possibilitando, desse modo, constituir hipóteses e conjecturas.

Resultados e discussão

Conforme Volóchinov (2017), é no processo de interação verbal que a consciência humana passa a existir, pois esta forma-se por meio da existência dos signos criados socialmente. Dessa maneira, é na realidade linguístico-social que o sujeito internaliza múltiplas vozes sociais. Nesse sentido, nas palavras de Faraco (2009, p. 84), “[...] o mundo interior é uma arena povoada de vozes sociais”. Assim, nos enunciados singulares emerge o dialogismo, constituído por meio das vozes interiorizadas e articuladas num movimento interno dialógico. “É dessa imensa diversidade de vozes e de suas relações dialógicas que emerge como possível a singularidade que se constituirá explorando o espaço infindo da tensão dialógica das vozes sociais” (FARACO, 2009, p. 87).

Sobral (2009) afirma que o sujeito adquire linguagem quando é exposto a situações de uso da linguagem. Sendo assim, as relações dialógicas estabelecidas nas situações

comunicativas apresentam o entrecruzamento das vozes sociais, constituindo uma dinamicidade que provoca as mais diversas respostas (concordâncias, dissonâncias e multissonâncias), segundo Faraco (2009).

Nesse sentido, será analisado neste eixo a materialização do dialogismo estabelecido pelas vozes sociais interiorizadas pela protagonista da pesquisa (MV), manifestado em seus enunciados orais nos relatos de experiência vivida. A análise ora empreendida será feita com o objetivo de compreender as marcas do dialogismo nos textos infantis materializadas por meio da apreensão da voz do outro e interpretar os enunciados das crianças como réplicas à voz dos OUTROS.

Assim, elencamos dois contextos histórico-sociais possíveis de vivências das crianças: o **contexto escolar** (ainda que de forma remota) e o **contexto familiar**, os quais podem se constituir em fontes de referência para os próprios enunciados, conforme demonstrado no quadro a seguir.

Antes de nos debruçarmos no relato oral final de MV, observaremos o discurso, a seguir, da aluna, elaborado durante uma APC, que propôs uma atividade sobre “cinema em casa na quarentena”. Os enunciados de MV demonstraram relações dialógicas com outras vozes sociais, nesse caso, da família: “[...] Aqui, na minha casa, tem uma novelinha que eu gosto de assistir, que é pra criança e o meu pai quer assistir o jornal enquanto a gente almoça e tenho que deixar ele assistir e depois eu assisto.” – Relato de MV.

O relato de MV expressa indícios do dialogismo constitutivo nos enunciados destacados: ao afirmar que a novela “é para criança”, pressupõe que existam novelas que não são voltadas para o público infantil. Assim, nos parece emergir outras vozes que atravessam a voz da criança. Ao elaborar e exteriorizar seus enunciados, MV manifestou os valores sociais transmitidos pela família a respeito de novelas.

Nesse contexto, evidenciaram-se nas experiências relatadas por MV em relação ao contexto familiar na situação de comunicação em relação aos programas televisivos, o uso da linguagem viva, palavras carregadas de sentidos, de visões de mundo e da realidade singulares, fruto de interações verbais planejadas e desenvolvidas intencionalmente.

Desse modo, apresentaremos a seguir o relato de experiência vivida oral final de MV.

Eu sou a M.V. Eu tenho 6 anos e, numa atividade que eu fiz, eu descobri que eu era filha, neta e prima.

Uma coisa que me deixou triste na quarentena, foi de eu não poder ir nos lugares, não poder ir no cinema, e de eu também não poder sair muito.

Uma coisa que me deixou feliz, na quarentena, uma coisa que me deixou feliz foi que eu ia à minha avó, mesmo na quarentena, é porque eu tinha que ver ela.

Uma coisa que me deixou triste na quarentena, foi porque minha mãe pegou covid e minha vó ficou internada.

Uma coisa que me deixou feliz na quarentena... Ah! Mais uma coisa que me deixou triste, na quarentena, foi de eu não conseguir almoçar nos lugares que eu gosto e só poder pegar marmiteix.

Eu senti saudade de algumas pessoas que eu não vi na quarentena, que eu não podia ir nas casas. E outra coisa... senti saudade dos meus primos, minhas primas, meus tios, hummm...

Uma coisa que eu gostei na quarentena, foi da gente fazer essa aula online, porque, de quarta de noite, eu quase não me distraía, então foi bom porque aí eu faço umas coisas aqui com vocês e depois eu descanso. Eu brinco, posso brincar, então foi essas coisas...

Quando a quarentena acabar, eu queria muito poder visitar meus primos, minhas tias eu queria muito poder ir nos lugares que... Eu também tô feliz porque... uma coisa também que me deixou bem feliz foi que eu sempre pensava que quando a quarentena acabasse eu ia poder fazer algumas outras coisas. Então isso me deixava bem feliz (Gravado e transcrito pelas autoras).

Figura 1 – Ilustração do relato de MV



Fonte: Acervo das autoras

O relato de experiência vivida oral de MV, o qual foi gravado e transcrito, revelou evidências das marcas do dialogismo advindos da constituição do discurso interior, como serão apresentados nas análises a seguir. “Essas unidades do discurso interior, poderiam ser chamadas

de impressões globais de enunciações [...]” (BAKHTIN; VOLÓCHINOV, 1992, p. 63). Segundo o autor, esse discurso não segue uma lógica ou regras gramaticais, por exemplo, mas depende das condições históricas e sociais, constituindo-se, assim, de forma particular, singular, marcado inclusive pelo estado emocional e apreciativo.

No quadro a seguir, apresentamos excertos dos relatos orais finais de MV, e na sequência a análise dos excertos.

Quadro 1 – Excertos dos enunciados elaborados por MV

MATERIALIZAÇÃO DO DIALOGISMO NOS RELATOS ORAIS		
ENUNCIADOS ADVINDOS DO CONTEXTO ESCOLAR (excertos dos relatos)		ENUNCIADOS ADVINDOS DO CONTEXTO FAMILIAR/SOCIAL (excertos dos relatos)
Aluno	Apropriação da voz do OUTRO – literatura, atividades, aulas/contexto escolar (marcas do discurso acadêmico)	Apropriação da voz do OUTRO – universo discursivo do contexto histórico e social (marcas do discurso social)
MV	“e numa atividade que eu fiz eu descobri que eu era filha, neta e prima” “Uma coisa que eu gostei na quarentena, foi da gente fazer essa aula online , porque, de quarta de noite, eu quase não me distraía, então foi bom porque aí eu faço umas coisas aqui com vocês e depois eu descanso”	“Ah! Mais uma coisa que me deixou triste, na quarentena, foi de eu não conseguir almoçar nos lugares que eu gosto e só poder pegar marmitex .” Palavras como: quarentena, covid, aula online. Nas ilustrações: charreata, coronavírus

Fonte: Elaborado pelas autoras

Nos enunciados do texto oral de MV, destacados no Quadro 1, observa-se que as marcas do discurso social emergem no discurso individual: essas marcas foram materializadas nos relatos em forma de palavras, expressões, emoções, entonações, expressões faciais, pausas pensativas, dentre outras.

Como podemos observar nos enunciados apresentados no Quadro 1, as palavras: *aula online*, a qual adveio do meio escolar e passou a ser utilizada socialmente, e, com mais intensidade com o surgimento do isolamento social; *quarentena*, período instituído socialmente devido à pandemia; “coronavírus”, nome do vírus causador da pandemia da Covid-19, tão difundido pela mídia, atravessaram o discurso de MV.

Além dessas palavras, observa-se também a expressão semiótica do coronavírus materializado nos desenhos de MV, com características das formas apresentadas socialmente, veiculado pelas diferentes mídias (digitais, impressas, televisivas), mas com uma entoação valorativa, quando MV acrescenta uma onomatopeia ao desenho do coronavírus, demonstrando

que ele está rindo, está solto, personificando o “coronavírus”. Assim, no discurso infantil elaborado, podemos observar que o agir do sujeito no mundo dado, mundo concreto, é mediado pelo signo; ao mesmo tempo em que esse agir altera o mundo o sujeito também é alterado por esse mundo (SOBRAL, 2009).

Dessa forma, na objetivação do sujeito nos relatos orais, exteriorizam-se as marcas do mundo concreto, a convocação de elementos extradiscursivos para o plano do discurso, o plano intradiscursivo.

Destacamos, também, nos enunciados de MV ao revelar uma concepção de identidade pessoal (“e numa atividade que eu fiz eu descobri que eu era filha, neta e prima”), constituída a partir de uma proposta de atividade realizada, na qual as crianças discutiram a visão das pessoas sobre elas mesmas, a expressão de MV, neste enunciado elaborado, quanto a incorporação da voz do OUTRO e a reelaboração individual e singular, ao revelar a sua descoberta dos vários EU(s) no meio social, numa relação dialógica com o OUTRO que nos atravessa e nos constitui.

Outra marca dialógica presentificada nos enunciados de MV foi sua menção sobre o fato de, nesse momento de isolamento social, sua família recorrer à “marmitex”, pois estava impossibilitada de ir a lugares dos quais gostava para almoçar. Este excerto nos revela, por meio do relato e dos sentimentos expressados, os possíveis hábitos da rotina familiar.

Conforme Bakhtin (2016), a linguagem constitui-se histórica e socialmente, não é estática, nem pronta e acabada, para ser apenas apropriada de forma passiva pela criança. Ao contrário, a criança como ser social que é, busca constituir sentido aos discursos que elabora frente ao mundo concreto.

O momento histórico e social pandêmico vivenciado ocasionou formas novas de comemorações, estas surgiram e se adaptaram ao novo momento. Como, por exemplo: “chá-carreata” relatado por MV, semioticamente por meio da ilustração em seu relato, sobre sua participação do evento, confirmando o sentido atribuído pela criança ao vivenciar esse evento socialmente e expressá-lo. E com essas formas de comemorações surgem também novas palavras ou expressões já existentes, mas pouco conhecidas, como: “charreata” (junção de chá de bebê ou cozinha com carreata), “coronavírus *cake*” (bolo com decoração do vírus), “*Coronials* ou *coronababy*” (geração que nasceu durante ou é fruto do período da pandemia), “*live*” (forma de interação síncrona ou assíncrona) etc.

Cabe, também, mencionar as formas de comemorar aniversários virtualmente, ou com poucas pessoas em casa, ou aniversário *Drive-thru* (passar no local da festa, o convidado deixa o presente e recebe uma lembrancinha) e/ou outros tipos de festas.

O relato de MV evidenciou que este fenômeno linguístico ocasionado pelo momento histórico e social vivenciado não passou despercebido pelas crianças, pois tais palavras ou expressões transformaram-se socialmente em signos exteriores e interiores dos sujeitos. Dessa forma, podemos notar que as crianças se mostraram sensíveis ao enunciado do OUTRO, incorporando-o e reelaborando-o conforme as situações de interação oportunizadas pelas APC.

MV, ao escrever a expressão “chá-carreata”, em sua ilustração, revelou o movimento da constituição dialógica da subjetividade, visto que o sujeito “[...] não permanece passivo diante dos discursos a que tem acesso, pois não é só constantemente modificado por eles, mas também os modifica” (MENDONÇA; GRECCO, 2014, p. 53).

Assim, podemos observar os indícios de um universo vocabular criado socialmente pela nova situação vivenciada mundialmente, o qual foi incorporado aos seus enunciados e (re)elaborados por meio do relato de experiência vivida.

[...] a experiência discursiva individual de qualquer pessoa se forma e se desenvolve em uma interação constante e contínua com os enunciados individuais dos outros. Em certo sentido, essa experiência pode ser caracterizada como processo de assimilação – mais ou menos criador – das palavras do outro (e não das palavras da língua). Nosso discurso, isto é, todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos e reacentuamos (BAKHTIN, 2016, p. 54).

Deprendemos, nesse eixo temático de discussão, que conforme o REVO final apresentado por MV, não são somente as experiências escolares que determinam a elaboração da linguagem nos textos, embora sejam fundamentais para a sistematização da aprendizagem, mas a vivência social e o papel do OUTRO também são essenciais na organização desse processo de apropriação da linguagem oral e escrita. Porém, na posição de autora do texto, a criança marca seu posicionamento na produção textual, ela não reproduz o que ouviu como se o dado determinasse um único modo de dizer. Ao contrário, o relato de experiência vivida se constituiu num lugar de criação e não de submissão.

Dessa forma, os enunciados de MV tornaram visíveis os modos de apropriação de outras vozes sociais, indicando a necessidade de a escola compreender a apropriação da linguagem escrita ou oral pelas crianças em situações sociais de uso da linguagem, ingressando pela porta

de entrada dos gêneros discursivos, pois, ao produzir textos orais ou escritos, elas desenvolverão uma atividade tipicamente humana. Nas palavras de Miotello (2012, p. 154-155):

[...] criar texto é uma atividade que se dá junto com a atividade humana, em qualquer campo de atividade. Humanos estarão em interação. E colocarão nessa atividade seu ponto de vista, seu projeto-de-dizer, sua ideologia.

Destacamos, nos relatos da alfabetizanda, a singularidade quando ela seleciona, dentre todos os temas/conteúdo temáticos discutidos nas APC, aqueles que irão compor seu relato final e, ainda, quando seleciona entre os sentimentos abordados, aqueles que irão expressar suas emoções em relação aos aspectos relatados, demonstrando que crianças pequenas, em processo de alfabetização, podem revelar uma “intenção discursiva”, e podem produzir textos autorais, desde que sejam oportunizados momentos reais de interação, organizados a partir de propostas que promovam a ação do sujeito sobre o gênero e sobre o discurso do outro em atitude responsiva-ativa.

Considerações finais

Em relação ao eixo “materialização do dialogismo nos textos orais”, os dados revelaram que houve uma troca dinâmica e constante de enunciados organizados nos relatos orais e não de palavras ou orações soltas sem autoria e sem interlocutores definidos. Ao analisar o relato de MV, nota-se que este indivíduo introduziu o tema “quarentena” e fez escolhas em relação ao conteúdo temático, expressando atividades realizadas cotidianamente, sentimentos, ou seja, as experiências significativas do período pandêmico.

Dessa forma, essas escolhas se constituem em marcas dialógicas materializadas no texto, pois as crianças estabeleceram relações entre a realidade social vivenciada (local), a realidade acadêmica (escola) e a realidade social (mundo), buscando a constituição de sentido ao objetivar, por meio dos enunciados concretos, todas essas relações, o que, na visão bakhtiniana, está estreitamente relacionado ao sentido.

Assim, os dados apontaram que o texto de MV constituiu-se em enunciados concretos, e não em um aglomerado de frases e letras coesas por regras gramaticais, mas evidenciou as marcas das vivências do sujeito, posto como objetivação das subjetividades formadas a partir das experiências coletivas e sociais.

O enunciado, portanto, constituiu-se em sua concretude pois tornou-se a unidade da interação e do discurso, buscou realizar a intenção discursiva à qual se propunha e teve por

material também as formas da língua. Ou seja, a criança elaborou seus enunciados num movimento de imitação/criação, pois, quando colocada em situação real de comunicação, no caso, na atividade de relatar, a interação humana mobilizou no sujeito a intenção discursiva em manifestar, de forma oral ou escrita, as relações dialógicas por ela estabelecidas em um dado contexto.

De acordo com Bakhtin (2016), observamos que o texto produzido apresentou as marcas de um sujeito singular que expressou suas ideias e pensamentos objetivados nos enunciados concretos vivos e ativos que produziu. Assim, as marcas do dialogismo encontradas no texto deram maior visibilidade às estratégias de interlocução das crianças com o OUTRO e com o mundo, pois revelaram a presença do sujeito como autor dos textos, a criança como constituidora e constitutiva de linguagem.

Finalmente, espera-se, com este trabalho, contribuir para um movimento de mudança no ensino em salas de alfabetização, superando práticas de ensino de linguagem desvinculadas do sentido social, histórico e cultural. De outro modo, que as marcas do desenvolvimento, constituição e da apropriação da linguagem pela criança, evidenciadas em seus textos, tornem visíveis aos docentes a necessidade de propostas de ensino que mobilizem, nos sujeitos em interação, a necessidade e o sentido político de aprender a se comunicar oralmente ou por escrito nas mais diversas situações sociais.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, M. B.; M. MAYRINK-SABINSON, M. L. T. **Cenas de Aquisição Da Escrita: o sujeito e o trabalho com o texto**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 1997.

BAKHTIN, M. **Os gêneros do discurso**. Bezerra, Paulo. Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016. 164 p.

BAKHTIN, M.; VOLÓCHINOV, V. N. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992.

FARACO, C. A. **Linguagem & Diálogo: As ideias linguísticas do círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009. 168 p.

GOULART, C. M. A. Alfabetização em perspectiva discursiva. A realidade discursiva da sala de aula como eixo do processo de ensino-aprendizagem da escrita. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 9, p. 60-78, 2019. Disponível em: <http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

GOULART, C. MATA, A. S. Linguagem oral e Linguagem escrita: concepções e inter-relações *In*: BRASIL. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Linguagem oral e linguagem escrita na educação infantil**: práticas e interações. Brasília: MEC, SEB, 2016.

MENDONÇA, M. C. GRECCO, N. Aquisição da escrita e estilo *In*: DEL RÉ, A. PAULA, L. MENDONÇA, M. C. (org.). **A linguagem da criança**: um olhar bakhtiniano. São Paulo: Contexto, 2014.

MIOTELLO, V. Algumas anotações para pensar a questão do método em Bakhtin. *In*: GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). (org.). **Palavras e Contrapalavras**: enfrentando questões da metodologia Bakhtiniana. São Carlos, SP: Pedro & João Editores, 2012. v. IV, p. 151-168.

SMOLKA, A. L. B. **A criança na fase inicial da escrita**: a alfabetização como processo discursivo. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

SMOLKA, A. L. B. Relações de ensino e desenvolvimento humano: reflexões sobre as (trans)formações na atividade de (ensinar a) ler e escrever. **Revista Brasileira de Alfabetização**, Belo Horizonte, v. 1, n. 9, p. 12-28, 2019. Disponível em: <http://abalf.org.br/revistaeletronica/index.php/rabalf>. Acesso em: 10 abr. 2023.

SOBRAL, A. **Do Dialogismo ao Gênero**: as bases do pensamento do círculo de Bakhtin. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

VOLÓCHINOV, V. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução: Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

VOLÓCHINOV, V. N. **A palavra na vida e a palavra na poesia**. São Paulo: Editora 34, 2019.

CRediT Author Statement

Agradecimentos: Não aplicável.

Financiamento: Não aplicável.

Conflitos de interesse: Não há conflitos de interesses.

Aprovação ética: Não aplicável.

Disponibilidade de dados e materiais: Apresentamos neste artigo um recorte dos dados gerados e analisados na Tese de doutorado da autora, a totalidade dos dados pode ser consultado em Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/242919>>.

Contribuição dos autores: Todos os autores trabalharam juntos e elaboraram o texto de forma dialógica, não havendo sobreposição de funções.

Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.

Revisão, formatação, normalização e tradução.

